

DINIZ, Debora. 2012. Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa. Brasília: Letras Livres. 108 pp.

*Talita Viana
(UnB)*

O livro de Debora Diniz é uma carta destinada às estudantes que se encontram na eminência da escrita de seu primeiro trabalho acadêmico. Trata-se não dos procedimentos metodológicos para a realização de uma pesquisa, mas de orientações e provocações para a experiência da criação e da autoria na vida acadêmica. Definida pela autora como um texto que busca guiar o encontro entre orientadora e orientanda – na obra denominadas *leitora-ouvidora* e *aprendiz de escritora* – a obra fala do ritual de orientação, do encontro intelectual e profissional que se dá nessa parceria em busca da primeira criação textual da *aprendiz de escritora*.

A carta surge da trajetória de Debora Diniz como orientadora de pesquisas acadêmicas. A autora registrava os questionamentos trazidos por suas orientandas e os respondia em formato de mensagens. Essas mensagens, lidas tanto por suas orientandas quanto pelas orientandas de colegas da autora, respondiam a questões e angústias comuns àquelas que se encontravam frente ao desafio de virem a ser autoras de seu primeiro texto acadêmico. A partir daí a carta foi se desenhando e antecipa, portanto, os principais questionamentos respondidos por uma orientadora.

O texto apresenta as “regras do jogo” da pesquisa e produção acadêmica à *aprendiz de escritora*, mas, mais do que isso, conclama à reflexão sobre os sentidos e motivações dessa produção. Debora Diniz defende a produção criativa e comprometida com as realidades sociais – e suas transformações –, bem como a escolha por leituras e referenciais teóricos capazes de gerar deslocamentos nas leitoras (e futuras autoras).

A carta se divide em seções construídas em torno de encontros, todos conectados ao encontro que se dá na relação de orientação. Explicada as origens da carta na primeira seção (intitulada *Uma carta*), *Antes do primeiro encontro* trata da orientação sobre a escolha de uma orientadora. A posição da autora é a de que essa escolha, bem como a do tema da pesquisa a ser realizada, pertence à *aprendiz de escritora*. Chama então a atenção para a necessária redução desse tema, no intuito de deixá-lo o mais específico possível, e aponta alguns passos que facilitam essa etapa.

Definida a orientação, *O primeiro encontro* é o momento em que a *aprendiz de escritora* apresentará seus temas de interesse – pessoal ou político –, e seu desejo – de ordem privada. Segundo a autora, as motivações devem ser resumidas em títulos funcionais e problemas de pesquisa (objetivo geral e pergunta), com o máximo de especificidade possível.

O encontro com a pesquisa desenvolve mais detidamente as noções de título funcional, problema de pesquisa e palavras-chave, unidades básicas de um projeto de pesquisa. É explicitado o que deve estar contido em cada uma dessas unidades básicas, incluindo a quantidade de palavras bem como suas funções. Outro ponto abordado nessa seção e merecedor de destaque é o *tremor* na produção acadêmica, sensação que acena para a prudência e que deve ser uma constante companhia pela trajetória acadêmica. É chamada a atenção para a exposição pública que é a escrita, assim como para a “prudência criativa” que deve ser desenvolvida pela *aprendiz de escritora*. Esse tremor, contudo, não deve ser confundido com o temor – este, um inibidor da “liberdade de pensar e escrever” (DINIZ, 2012: 38).

O encontro com o tempo orienta a jovem pesquisadora na organização do tempo para o desenvolvimento do projeto de pesquisa. É sugerida a elaboração de um cronograma que inclui a pesquisa bibliográfica ou campo, leitura, escrita e revisão, etapas fundamentais da pesquisa e produção acadêmica. A autora, para quem a pesquisa é um ofício cumulativo e permanente, acredita no “treino intelectual para uso do tempo” (:48), desenvolvido com maior eficácia com o autoconhecimento e o disciplinamento. A escolha dos locais para o desenvolvimento das atividades da produção intelectual é também destacada.

O encontro com o texto tem como eixo principal a atividade de leitura. Debora Diniz defende a escolha de leituras capazes de gerar deslocamentos: “Os deslocamentos nos inquietam, afugentam nossas certezas temporárias, mas nos movem rumo ao desconhecido de onde nascerá a criação genuína. É do deslocamento que nascerá sua voz de autora” (:56). Defende ainda a leitura criativa. Além disso, são sugeridos procedimentos facilitadores da organização da leitura, como o uso de programa de bibliografias e a confecção de um mapa de autores.

O encontro com a escrita fecha a sessão de encontros presentes na carta. Inicia-se com a sentença da autora de que “não vale sofrer para escrever” (:63). O ofício de escritura do trabalho acadêmico é apresentado como uma experiência de descobertas e superações. Diniz adverte sobre o plágio e sugere rodadas de leitura dos textos produzidos pela *aprendiz de escritora*, conclamando-a à reflexão sobre a importância da submissão das suas produções a críticas. Provoca sua leitora – e futura autora de um texto acadêmico – com relação às motivações para a escrita contando, em um relato pessoal, que para ela a motivação para a escrita é de ordem existencial. Destaca ainda que escrever é arriscar-se, uma vez que se expõem publicamente ideias e argumentos e que, quando publicados, os textos ganham rumos próprios, independentes de suas autoras – além do fato de serem para sempre! Diniz defende o poder transformador da produção intelectual e convoca a aprendiz ao questionamento do sentido de sua proposta de projeto de pesquisa. É aqui também que a escolha feminista da autora se faz mais explícita e onde ela explica sua defesa da escrita no feminismo universal. Em um dos desfechos desse derradeiro encontro a *leitora-ouvidora* revela à *aprendiz de escritora* que agora, conhecidas todas as regras do jogo, é chegado o momento de violá-las.

Encerrada a carta e as sessões construídas em torno dos encontros, *leitora-ouvidora e aprendiz de escritora* estão agora prontas para um encontro genuíno. O livro contém ainda uma sessão denominada *E o futuro?*, onde a autora reflete sobre as possíveis impressões, no futuro, dessa primeira produção acadêmica. Sugere, no entanto, que não se sofra com essas impressões. Esse primeiro trabalho sempre acompanhará a aprendiz de escritora como o primeiro de sua trajetória. Contudo, Diniz alerta para a responsabilidade sobre o que se cria. Uma espécie de *post scriptum* traz um exemplo de mapa de literatura e uma proposta de cronograma para a organização do tempo, das etapas e dos produtos da pesquisa que terá início.

O livro de Debora Diniz apresenta, assim, elementos e regras da produção acadêmica, como definição do objeto de pesquisa, organização do tempo e autoria, sem perder de vista o caráter questionador e transformador das realidades sociais dessas produções. O pensamento livre e criativo é defendido, convocando as futuras autoras de textos acadêmicos a não apenas reproduzirem autoras de sua admiração. Motivações políticas na escolha dos temas de pesquisa, assim como produções comprometidas são valorizadas sem, contudo, colocar em segundo plano o rigor da pesquisa acadêmica.

Nesse sentido, o livro de Debora Diniz fornece alguns princípios fundamentais àquelas diante do primeiro projeto de pesquisa que, talvez por ter sido escrito a partir dos questionamentos de suas orientandas, consiga ser tão bem sucedido – e pioneiro – na proposta e abordar temas sobre os quais há uma carência na produção acadêmica.